

A PANDEMIA DE COVID-19 SOB A BENÇÃO DE BOLSONARO E EVANGÉLICOS: mobilização política anti-ciência, saber mágico e pós-verdade

THE PANDEMIC OF COVID-19 UNDER THE BLESSING OF BOLSONARO AND EVANGELICS: anti-science political mobilization, magical and post-truth knowledge

Emanuel Freitas da Silva¹

UECE: <https://orcid.org/0000-0001-6304-4316>

Emerson José Sena da Silveira²

UFJF: <https://orcid.org/0000-0002-5407-596X>

DOI: [10.21680/1982-1662.2020v3n29ID21931](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2020v3n29ID21931)

Resumo

A pandemia de Covid-19 mostra, contundentemente, a convergência entre interesses ideológicos de amplos setores evangélicos e a coalização neoliberal encabeçada pelo governo Bolsonaro. Quais os fundamentos dessa afinidade, nos perguntamos. Num contexto de mobilização política anti-ciência, nossa hipótese é a de que a crítica à razão científica, marcada pela hegemonia do pensamento mágico (ligação direta entre desejo e realidade) e a situação de pós-verdade (negação dos critérios de verificação da verdade e da falsidade de enunciados) permitiram essa afinidade. Baseados em métodos qualitativos de análise sociológica e nas reflexões de clássicos (Weber, Durkheim, Marx, Mannheim, Foucault), analisamos posicionamentos e postagens de duas deputadas estaduais evangélicas nordestinas bolsonaristas em redes sociais.

Palavras-chave: Pandemia; conhecimento; pós-verdade; saber mágico.

¹ Email: emanuel.freitas@uece.br.

² Email: emerson.pesquisa@gmail.com.

Abstract

The Covid-19 pandemic strikingly shows the convergence between ideological interests of broad evangelical sectors and the neoliberal coalition led by the Bolsonaro government. What are the foundations of this affinity, we ask ourselves. In a context of anti-science political mobilization, our hypothesis is that the critique of scientific reason, marked by the hegemony of magical thinking (direct link between desire and reality) and the post-truth situation (negation of the truth verification criteria) and false statements) allowed this affinity. Based on qualitative methods of sociological analysis, the reflections of classics (Weber, Durkheim, Marx, Manheim, Foucault) and positions and posts of two northeastern evangelical state deputies in social networks.

Keywords: Pandemic; knowledge; post-truth; magical knowledge.

1-Introdução

Na manhã do dia 19 de março de 2020, quando o Brasil já contabilizava 647 casos confirmados de Covid-19³ em 20 estados da federação. As redes sociais seriam palco de uma disputa de narrativa da nova pandemia por dois importantes atores do campo religioso evangélico: Silas Malafaia, da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, e Ana Paulo Valadão, líder do grupo musical Diante do Trono e da Igreja Batista da Lagoinha. Naquela semana, quando governadores começavam a traçar estratégias para tentar frear o máximo possível a disseminação da doença no país, algumas atividades passavam a ser vistas como passíveis de continuarem a ser realizadas, por causarem aglomeração (mecanismo por excelência de transmissão do vírus). Dentre tais atividades estava o funcionamento de igrejas e templos religiosos.

Foi assim que, no dia anterior, Silas Malafaia usou suas redes sociais para dizer que os governadores que quisessem fechar sua igreja, bem como suas diversas sedes espalhadas pelos país, teriam de “recorrer à Justiça”⁴. Como resposta, na data referida

³ Doença causada pela nova mutação de um vírus da família do coronavírus, Sars-CoV-2, nascido do mercado de Wuhan, China, que, ao expandir-se exponencialmente, tem causado transtornos no mundo inteiro por não haver, ainda, medicamentos eficazes para sua cura. Fonte: Organização Mundial de Saúde.

⁴ Sobre a discussão entre as duas lideranças, ver: <https://portalovtube.com/famosos/ana-paula-valadao-manda-indireta-para-silas-malafaia-e-critica-pastores-que-nao-cancelaram-cultos/> Acesso em: 23 jul. 2020.

no início deste texto, a cantora mineira, também por meio das redes sociais, alertou para o perigo da “insensatez” de algumas lideranças que estariam “ameaçando o bom senso”, “não cancelando reuniões” e preocupadas tão somente com “arrecadação financeira”. Instaurada a polêmica, a resposta do pastor se daria no plano das acusações pessoais, deixando de lado as preocupações com a pandemia que se aproximava do país, num esforço de produção de um desconhecimento do que viria a ser tal pandemia, como veremos neste artigo⁵

A atitude de Malafaia, importante liderança do meio evangélico, seria seguida por outras lideranças que, operando uma narrativa de menosprezo pelos efeitos reais da pandemia de Covid-19, aglutinavam-se torno de três eixos: a mobilização pelo não-fechamentos de igrejas, num primeiro momento, ou de sua inclusão em meio aos “serviços essenciais”; a suposta preocupação com os efeitos do confinamento social ao funcionamento da economia, por meio da ideia de que “desemprego mata mais que o vírus”; a propaganda em torno da hidroxicloroquina, remédio que, sem comprovação médica atestada pela Organização Mundial de Saúde até o momento de escrita desse artigo, passara a ser estandartizado como promessas de cura.

Simultaneamente, corriam as redes e mídias sociais dos evangélicos, notícias propagadas por pastores e cantores evangélicos sobre o vírus como invenção chinesa para estabelecer a nova ordem mundial, profecias sobre o fim do coronavírus, tratamentos milagrosos, máscaras como transmissoras de doenças⁶, dentre muitas afirmações que expressam a formação de um poderoso campo de pós-verdade. A pós-verdade, nesse ínterim, pode ser entendida como uma situação em que os critérios racionais de verdade e falsidade que regem os discursos e prática da ciência e do mundo modernos são desconsiderados, desprezados e negados em favor do abstruso, pitoresco, extraordinário-fantástico, capaz de gerar envolvimento, espetáculo e mobilização em bolhas cibernéticas que espocam no mundo cotidiano, científico e político com impactos profundos⁷.

⁵ Ibidem, ibidem.

⁶ Ainda em fevereiro de 2020, antes da tragédia pandêmica quase interminável que vivemos o Jornal O Globo noticiava as 15 *fake news* mais compartilhadas até então sobre o coronavírus. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/as-15-fake-news-mais-compartilhadas-sobre-coronavirus-1-24278939> Acesso em 23 jul. 2020. Mais recentemente, no dia 18 de jul. de 2020, saiu uma reportagem do Jornal Estadão de 18 de jul. de 2020 sobre uma rede de religiosos que espalham desinformação. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,religiosos-formam-rede-de-desinformacao-sobre-covid-19,70003368468> Acesso em: 23 jul. 2020. 9

⁷ A pós-verdade, como campo de interações, gera continuamente notícias extremamente contrafactuais e contrassenso racional e científico comum, mas que, ainda assim, são compartilhadas. Notícias como de

A mobilização pelo funcionamento livre das igrejas operava uma deslegitimação e um criticado saber científico e de suas recomendações e estratégias, ainda que calcada em um pensar embebido em magia (impulso prático que liga o desejo à sua realização independente de condições e mediações). Os saberes científico-reacionais recomendavam a proibição de aglomerações, medidas draconianas de restrição e saúde, mas, boa parte do mundo evangélico se mobilizou contra o isolamento social, propagandeou os dois remédios aludidos, fez com que parte considerável do seguimento evangélico legitimasse o discurso do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), cujas atitudes durante o ciclo pandêmico foram se chocaram contra às recomendações sanitárias internacionais⁸.

Estabelecido o contexto deste artigo, o objetivo do presente artigo é analisar elementos discursivos e práticas de lideranças evangélicas que, combinadas com discursos e decisões presidenciais, produziram um *não-saber* sobre a pandemia no Brasil, ou das formas de relacionar-se com ela, a partir da mobilização de elementos mágicos e de negação ou desconfiança com as recomendações do saber científico-racional. Tomar-se-ão como *corpus* de análise posicionamentos e postagens em redes sociais de duas deputadas estaduais, evangélicas e de explícito apoio ao presidente Jair Bolsonaro, que incorporaram a disputa narrativa em torno da pandemia a partir dos três eixos por nós descritos acima. Tais deputadas são: a pernambucana Clarissa Tércio (PSC) e a cearense Dra. Silvana (PL). Para embasar sociologicamente nossa análise, lançamos mão de alguns pilares da Sociologia do Conhecimento⁹ e, após isso, uma discussão sobre os elementos de construção do conhecimento em tempos de pós-verdade, relacionando-os com o saber religioso.

2-A pandemia da Covid-19 no Brasil: as (des)narrativas presidenciais

um cadastro para receber álcool em gel de cervejaria. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/gv/no-dia-da-mentira-veja-lista-de-fake-news-sobre-o-coronavirus-0420> Acesso em: 23 jul. 2020.

⁸ Tal postura faria com que o presidente brasileiro contasse, na imprensa internacional, como um dos quatro líderes mundiais que adotaram postura negacionista frente à pandemia do novo coronavírus. Os outros três seriam: Daniel Ortega (Nicarágua), Alexander Lukashenko (Bielo-Rússia) e Gurbanguly Berdymukhamedov (Turcomenistão); com destaque, porém, para o fato de que apenas o Brasil é governado por um regime democrático.

⁹ Por questões de espaço de texto, optamos por não aprofundar novas linhagens da sociologia do conhecimento, como o mais recente conjunto de autores que, dentro desta área, trabalham com a produção social da ignorância como forma de conhecimento. Assim sendo, remetemos o leitor aos estudos de Linsey Mcgoey (2019) e de Mathias Gross (2010) acerca da temática.

A forma como a nova pandemia seria recebida no Brasil, por parte do presidente Jair Bolsonaro, produziria modos de “pensar, sentir e agir”, sobretudo por meio de seus apoiadores (com destaque para parlamentares), como definia Durkheim (1987), que teriam como resultado um considerável relativismo, ou mesmo negação, do quadro de gravidade que, por todo o mundo, era noticiado. No dia 9 de março, após uma viagem aos EUA, quando o número de casos confirmados ainda era bastante pequeno (o primeiro caso foi declarado dia 26 de fevereiro) e nenhuma morte no Brasil, Bolsonaro afirmou: *“Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado, o poder destruidor desse vírus”*.¹⁰ Ainda em março, no dia 24, quando mais de vinte autoridades estavam infectadas pelo novo coronavírus, durante pronunciamento em rede nacional, declarou: *“Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma gripezinha ou resfriadinho [...]”*¹¹.

O presidente seguiria assim por todo o período de pandemia no país, período este ainda em curso quando esse texto está sendo escrito, e ao fim de abril, quando já haviam milhares de mortos, disse uma das frases mais impactantes: *“¹²E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”*. E, junto disso, passou a defender, e a receitar em redes sociais para um amplo público, o uso da cloroquina contra a Covid-19, remédio sem eficácia, debaixo do silêncio de parte considerável da classe médica, exceto algumas vozes e associações. *Pari passu*, ordenou aos laboratórios do Exército que produzissem essa substância e se associou a empresários do ramo farmacológico¹³ que a produzem, ao mesmo tempo em que lideranças evangélicas a exaltavam e recorriam a uma concepção de divindade mágica, contrária aos processos de desencantamento do mundo apontados pela sociologia weberiana, caminhos da ciência e da racionalização (WEBER, 2020; SELL 2020).

Uma rocambolesca narrativa cerca o comportamento pessoal e presidencial de Bolsonaro diante do vírus - os três primeiros testes feitos para verificação de possível contaminação do presidente pelo novo coronavírus e as recusas em revelar os resultados, a luta judicial da sociedade para obrigá-lo a revelar os exames, os sintomas corporais recentes, a confirmação de Covid-19, a automedicação com cloroquina, a

¹⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880> Acesso em: 16 jul. 2020.

¹¹ Idem, ibidem.

¹² Idem, ibidem.

¹³ Como se pode ler em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,quem-sao-os-empresarios-que-ganham-com-a-cloroquina-no-brasil,70003360677> (Acesso em 30/092020).

ausência de um médico e um boletim de saúde oficiais.

Todavia, nessa realidade com força de ficção, foi notório o recurso ao pensamento mágico¹⁴, associado ao exercício de uma biopolítica neoliberal¹⁵, que combina recuo do Estado e de sua capacidade de orientação, organização e promoção de políticas públicas coordenadas com os outros entes estatais (estados e municípios) e ao apelo ao irracional e ao absurdo. Se a isso trouxermos o argumento de Finchelstein¹⁶ de que nos novos populismos, dentre os quais estão os de Bolsonaro e o de Trump¹⁷, temos a afirmação agressiva de que aqueles que não estão com o líder¹⁸ não são povo, fechamos a equação: se não são povo, podem morrer, ser jogados ao coronavírus ou ao caos econômico-social. Daí a declaração do presidente de que “quem é direita toma cloroquina, quem é de esquerda toma tubaína”. Temos, aí, uma religião política ou uma teologia do poder, inimiga da racionalidade científica ou política.

Quanto à parte considerável de lideranças do mundo evangélico, Silas Malafaia e Edir Macedo, duas grandes expressões de poderosos grupos evangélicos menosprezaram, inicialmente, o poder destruidor do vírus, o associaram ao demônio¹⁹, insistiram na abertura das igrejas e na proteção divina de Deus²⁰, em uma perspectiva magicista-

¹⁴ Apontamos como pensar mágico o que deriva, em termos de tipo ideal, de impulsos práticos derivados de submersão no mundo e em suas dimensões, rejeitando mediações e mediadores entre os desejos e as realidades. Em outras palavras, é o pensamento que propõe uma ligação direta e automática entre o querer, o desejar e a sua realização concreta. Esse tipo de pensar formatou, em grande medida, a escola antropológica de pensamento, sobretudo aquela iniciada em James Frazer, para quem a magia pressupunha uma estreita ligação entre causa e efeito, com determinados atos sendo praticado para, magicamente, produzir determinados resultados. Isso nos parece ser perceptível com relação à cloroquina e o tratamento. Para uma história das definições antropológicas em torno do conceito de magia e de saber mágica, ver Pires (2010).

¹⁵ A ideia de biopolítica neoliberal vem da aproximação, que fizemos entre as ideias de Foucault (2014), que define biopolítica como o exercício do biopoder sobre a população (políticas de saúde, nascimento, morte, controle, vacinação em massa etc.) na modernidade, esta advinda das profundas transformações sociais, culturais e econômicas que desde o século XVIII desagua na ordem capitalista atual e as ideias de Brow (2019), que mostra como, na modernidade, a razão neoliberal alcançar a hegemonia. Devido seu contraditórios dessa razão sobre a sociedade, desde a trajetória do neoliberalismo, reforçada nos anos 1970, encontra-se em crise nos tempos pandêmicos.

¹⁶ O argumento está na entrevista de Federico Finchelstein, feita pelo professor Rodrigo Coppe Caldeira e publicada no Caderno “Estado de Arte, do Estadão. Disponível em: https://estadodaarte.estadao.com.br/entrevista-finchelstein-bnfb-rodrigo-coppe/?fbclid=IwAR0tS-7-tG1X_g7eQYUzZQKeYrOaUZoO138Bc9uDWu19-ZnH6GPvWNOYaA Acesso em: 16 jul. 2020.

¹⁷ Ausentes em “populismos de esquerda e de direita” (de Berlusconi a Collor de Mello, de Chávez aos Kirchner), segundo Finchelstein. Ver nota 12.

¹⁸ Idem, ibidem.

¹⁹ Os evangélicos brasileiros e a pandemia: Deus vs Diabo. Disponível em: <https://www.justificando.com/2020/04/17/os-evangelicos-brasileiros-e-a-pandemia-deus-vs-diabo/> Acesso em: 16 jul. 2020.

²⁰ Megaigrejas continuam abertas e dizem que fé cura coronavírus Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2020-04-25/megaigrejas-continuam-abertas-e-dizem-que-fe-cura-coronavirus.html> Acesso em: 16 jul. 2020.

milagreira e propagaram uma forte desconfiança da razão científico-racional-moderna, quando não sua pura recusa²¹. De alto a baixo no variado segmento evangélico, houve conflitos, líderes assumiram posturas prudentes e alinhadas ao consenso científico-sanitário²², mas, a maioria seguiu os pensamentos de Bolsonaro e das lideranças evangélicas que o apoiam de forma ardorosa e regular, triunfante, como se estivessem em uma batalha de vida e de morte.²³

Houve uma profunda sinergia política e ideológica entre Bolsonaro, empresários e evangélicos: uma marcha contra o STF, convocação de jejum nacional no domingo de páscoa, encontros com pastores donos de corporações midiáticas e endividados, veto a obrigação do uso de máscara em igrejas e lojas, dentre muitos indícios sinérgicos.²⁴ Coadunado com essa forte base de apoio que lhe rendeu 60% dos votos válidos nas eleições de 2018, o presidente Bolsonaro passou a defender e a agir para colocar em evidência a aliança com grupos de evangélicos, ainda que seus apoiadores, conforme sugerem pesquisa, estejam entre os mais atingidos pelas falas e posturas presidenciais.²⁵

As declarações pessoais e posturas oficiais²⁶ seguiram um crescendo de confronto

²¹ Líderes evangélicos criticam ‘endeusamento’ da ciência na crise do coronavírus. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/coronavirus/lideres-evangelicos-criticam-endeusamento-da-ciencia-na-crise-do-coronavirus-1.2335230> Acesso em: 16 jul.2020.

²² Igrejas usam as redes sociais para celebrações em meio à pandemia do coronavírus. Disponível em: <https://tnonline.uol.com.br/noticias/apucarana/45,491611,26,03,igrejas-usam-as-redes-sociais-para-celebracoes-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus> Acesso em: 16 jul. 2020.

²³ Nos dizem bandeira e Carranza (2020): “No domingo 12 de abril de 2020, das 16h às 18h20, a programação da TV Brasil foi interrompida para uma “celebração de Páscoa por videoconferência”, iniciativa do presidente da República Jair Bolsonaro e da primeira-dama Michelle Bolsonaro. O evento contou com a participação de 20 lideranças religiosas cristãs (17 evangélicos e 3 católicos), além de um rabino. Lideranças de outras religiões, como as de matriz africana ou o espiritismo, não estavam presentes.”

²⁴ Bolsonaro convoca jejum para ‘livrar o Brasil do coronavírus’. Alguns empresários e líderes evangélicos têm endossado o discurso de Jair Bolsonaro pelo fim da quarentena. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaro-convoca-jejum-para-livrar-o-brasil-do-coronavirus/> Acesso em: 16 jul. 2020. Bolsonaro reclama de fechamento de igrejas: “Providências absurdas”. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-reclama-de-fechamento-de-igrejas-providencias-absurdas/> Acesso em: 16 jul. 2020. Pela Pacificação da Nação em Meio à Pandemia Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/pela-pacificacao-da-nacao-em-meio-a-pandemia/> Acesso em: 16 jul. 2020. Bolsonaro veta obrigação do uso de máscara em igrejas e lojas. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/03/interna_politica,869089/bolsonaro-veta-obrigacao-do-uso-de-mascara-em-igrejas-e-lojas.shtml acesso em: 16 jul. 2020. Evangélicos fazem coro com Bolsonaro e negam riscos do coronavírus. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/evangelicos-fazem-coro-com-bolsonaro-e-negam-riscos-do-coronavirus-dw/> Acesso em: 16 jul. 2020.

²⁵ Falas de Bolsonaro contra isolamento podem ter matado mais seus eleitores, aponta estudo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/falas-de-bolsonaro-contr-isolamento-podem-ter-matado-mais-seus-eleitores-aponta-estudo.shtml> Acesso em: 16 jul. 2020.

²⁶ Das quais podemos destacar inúmeras declarações contra o isolamento social, presença em atos de apoio ao seu governo em que não se seguiam os protocolos e apresentação em público sem máscaras.

com partidos de oposição e judiciário,²⁷ líderes sociais e menosprezo em relação às mortes em massa. Mas, após sucessivas reações do STF e da sociedade, o procedimento passou a ser menos espetacular, mas não menos ligado às linhas de uma *sociologia do desconhecimento*. Para apenas exemplificar, em 29 de junho de 2020, o ministério da saúde, ocupado por um interino, um general do exército, há dois meses²⁸, na contramão das recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde) e da Opas (Organização Pan-Americana de Saúde) pediu em ofício à Fiocruz, uma das mais prestigiadas instituições científicas do país, que divulgue cloroquina como tratamento precoce de Covid-19.²⁹

O processo de desfalecimento do conhecimento científico e sua dissolução institucional-republicana na sociedade brasileira ficam claros, e externam um sintoma de patologia social-cultural, quando, sob um regime de extrema-direita que cultiva a pós-verdade e a produção organizada e uso em massa e de notícias falsas,³⁰ uma médica, de um dos mais prestigiados corpos clínicos brasileiros, foi a TV-Brasil, órgão público, republicano e estatal, defender o uso da hidroxicloroquina e/ou ivermectina. Em começo de julho, com pleno avanço da Covid-19 (70 mil mortos), Nise Yamaguchi, ex-participante do gabinete de crise de Bolsonaro contra o coronavírus, gabinete este dissolvido a partir dos embates entre a presidência e o ministério da saúde, foi ao programa *Impressões*, da referida TV-Brasil e defendeu arduamente medicamentos que os estudos científicos e os órgãos de saúde mundiais não reconhecem como eficazes no tratamento da Covid-19.³¹ Posteriormente, o Hospital judaico-paulista afastou essa médica após essa sua fala, no programa da TV-Brasil, se referir aos judeus como “massa de rebanho” controlada pelas humilhações dos nazistas³².

²⁷ Juiz manda Bolsonaro excluir igrejas da lista de serviços essenciais. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/juiz-manda-bolsonaro-excluir-igrejas-da-lista-de-servicos-essenciais/> Acesso em: 16 jul. 2020. STF dá 5 dias para Pazuello explicar orientações sobre cloroquina. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/07/02/celso-de-mello-da-5-dias-a-pazuello-explicar-orientacoes-sobre-cloroquina.htm> Acesso em: 16 jul. 2020.

²⁸ Tomando-se como referência, o momento de redação deste escrito.

²⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/16/ministerio-da-saude-pede-a-fiocruz-que-divulgue-cloroquina-como-tratamento-precoce-de-covid-19.ghtml> Acesso em: 16 jul. 2020.

³⁰ PF identifica Carlos Bolsonaro como articulador em esquema criminoso de fake news. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/pf-identifica-carlos-bolsonaro-como-articulador-em-esquema-criminoso-de-fake-news.shtml?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996 Acesso em: 16 jul. 2020.

³¹ Disponível em: <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/medica-faz-propaganda-da-cloroquina-na-tv-brasil-cita-nazismo-para-criticar-medo-da-covid-1-24520851> Acesso em: 16 jul. 2020.

³² Covid: Médica que defende uso da hidroxicloroquina é suspensa pelo Einstein. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/07/11/covid-medica-que-defende-uso-da-hidroxicloroquina-e-suspensa-pelo-einstein.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996&cmpid=copiaecola Acesso em: 16 jul.

A situação pandêmica no Brasil sob o governo de Bolsonaro e seus mais importantes apoiadores, os militares e os evangélicos, acentuou problemas anteriores em movimento de ascensão, ao menos desde as tumultuadas eleições presidenciais de 2018, a saber, a disseminação, industrialização e utilização política das notícias falsas (*fake-news*) e a situação de pós-verdade ou dissolução dos critérios de veracidade/falsidade na produção e circulação do conhecimento. Ao nosso ver, ambos os movimentos são alimentados, em grande parte, pela extrema-direita que vem alcançando o poder em muitos países numa combinação variada, mais ou menos profunda, entre revolta contra o sistema representativo-liberal, narcisismo de massas, fascismo subjetivo-comportamental, engenharia algorítmica do caos, situação de pós-verdade e neoliberalismo (MANRIQUE, 2016; TRAVERSO, 2019; DA EMPOLI, 2020; FINCHELSTEIN, 2020). O Brasil representa, nesse sentido, um laboratório dessas combinações, destoando das experiências dos EUA, por um lado, mas alinhado, por outro, ao desprezo pelo conhecimento metódico-científico e racionalidade política conformadas institucionalmente.

As notícias falsas durante campanhas políticas e na vida ordinária das sociedades, não são novidades históricas, mas, no ápice da crise das democracias liberais, se tornaram pandêmicas e estão no rastro da ascensão de regimes políticos nomeados como de extrema-direita, fascistas ou populistas, nos EUA, Brasil, Itália, Hungria, dentre vários países (GOODWIN; EATWELL, 2019; FINCHELSTEIN, 2019). A pandemia de falsas notícias envolve todos os aspectos das crises desencadeadas ou das crises pioradas pela expansão do coronavírus, de remédios milagrosos e autoridades científicas que os defendem às políticas públicas de saúde e de economia. De tão (i)rreal é a situação de descontrole, negação e falsificação da realidade causada pela Covid-19 e seus impactos sociais, sanitários, políticos, econômicos, étnicos, que alguns autores preferem lançar mão da linguagem ficcional dos *comics* para uma hermenêutica possível do absurdo comportamental (GHIRADELLI, 2020). O Sars-Cov-2 teria se encontrado com o corpo do presidente e a ele se fundido: o bolsovírus seria uma realização do novo coronavírus no corpo humano (realidade fantástica à moda de Stan Lee), não para matar o ser humano, mas para que seja realizada a vontade deste de matar ou, ainda, a realização da biopolítica neoliberal como a promoção da saúde econômica da nação em chave neoliberal, a despeito e, tendo como resultado inevitável, tremendos efeitos colaterais,

a saber, a morte em massa dos “fracos” em sentido bio-econômico-social (negros, pobres e indígenas) na ilusão da imunidade de rebanho (GHIRALDELLI, 2020). A sinergia fusional parece não ficar restrita ao corpo do poder executivo, mas estende-se também pelo corpo religioso quando a OMS afirma que os eventos religiosos estão ajudando a espalhar Covid-19.³³

A linguagem ambivalente-negativadiante da hecatombe do Covid-19, anti-ciência (desprezo-negação da doença e das medidas de saúde) por um lado, e comercial (promover a cloroquina como panaceia), por outro, mesclada ao magicismo religioso, presentes no poder executivo federal, são repetidas como caixas de ressonância por grandes lideranças e igrejas evangélicas.

3-A Sociologia e a problemática da construção do conhecimento

A preocupação com as formas de conhecimento e de como elas se estruturam e circulam acompanha a Sociologia, enquanto campo do saber científico, já desde seus primeiros passos analíticos, como podemos observar nos autores considerados *clássicos*.

Se pensarmos, por exemplo, em Marx e Engels, encontraremos a problemática das relações entre consciência e sociedade, o que se desenvolveria em toda a herança do pensamento marxista. Em linhas gerais, nesta corrente teórica a questão do conhecimento é pensada a partir da afirmação de que as ideias, ou seja, o conhecimento, é determinado por estruturas sociais que, longe de serem produzidas pelos indivíduos ou pelas consciências individuais, corresponderiam à própria forma pela qual a vida social estaria estruturada, seguindo um lógica estrutural que, por corresponder à própria dinâmica material, reproduzira as divisões e explorações da vida material, expressando sobretudo dimensões de alienação. Assim, compreender as formas do conhecimento seria, antes de tudo, compreender os modos pelos quais as consciências individuais, que eram antes posições de classe, seriam estruturadas a partir da própria dinâmica das classes. Conhecer como se produz o conhecimento exigiria, antes de tudo, conhecer as estruturas (materiais) da vida social. Acerca disso, lembra Norbert Elias que em Marx e Engels, talvez,

³³ Eventos religiosos estão ajudando a espalhar Covid-19, diz OMS. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/22/eventos-religiosos-estao-ajudando-a-espalhar-covid-19-diz-oms?fbclid=IwAR3uiuiWY5llYeOwqlojxa3YFqMaHAfpLXzXFS_R7LXfvtJsGTsil8NDBQ Acesso em: 16 jul. 2020.

[...]a estrutura de ideias estivesse intimamente associada a sua teoria do desenvolvimento das sociedades e à ênfase no que concebiam como “interesses econômicos” das diferentes classes como determinante das ideias. [...] Marx e, particularmente, Engels já tinham uma percepção preliminar do fato de que a esfera social à qual termos como “pensamento”, “ideia” e “conhecimento” se referem pode ter, por sua vez, uma influência do que é comumente denominado “esfera econômica” (ELIAS, 2008, p. 517).

A sociologia produzida por Émile Durkheim, por sua vez, nos legou uma importante análise das formas coletivas de produção do conhecimento em suas *Formas Elementares da Vida Religiosa* (2008). Ali, preocupado em definir o fenômeno religioso, o sociólogo francês elaborava uma reflexão sobre sistemas de crenças e ritos que produziam sistemas de representação que, como realidades coletivas, nos permitiriam entender a própria sociogênese das crenças e do conhecimento; seriam essas representações que estariam na origem dos esquemas de classificação, já presentes em sociedades então tidas como “primitivas” (DURKHEIM & MAUSS, 2013).

Em Max Weber, por sua vez, a questão do conhecimento aparece em sua obra a partir da problematização da produção do que seria o conhecimento sociológico que estaria imerso em concepções valorativas, posto ser o cientista um homem ligado a determinado ambiente cultural. Isso exigiria dele uma postura de busca pela neutralidade axiológica mais alargada, produzindo um conhecimento sobre a vida social o mais objetivo possível (KALBERG, 2010).

Neste tópico não pretendemos esboçar uma “história” da Sociologia do Conhecimento; nos faltaria espaço, enquanto autores, e produziria uma digressão naquilo a que nosso texto se propôs. Contudo, um importante balanço dessa história foi produzido por Freitas (2020), inclusive apontando atuais desdobramentos das posições teóricas da disciplina ao longo de sua formação e formatação enquanto ramo da Sociologia. Nesse texto, pensando naquilo que poderia definir o objeto de tal especialidade sociológica - o conhecimento -, o autor chega à seguinte conclusão:

Não há exagero em afirmar que uma sociologia do conhecimento, sem aspas, se faz presente, existindo ou não essa disciplina acadêmica a que chamamos de “sociologia do conhecimento”, sempre que se busca a explicação para o fato de uma dada alegação de conhecimento existir no modo como esta alegação se insere em contextos sociais específicos - ainda que a existência dessa alegação pareça ser autoexplicativa, isto é, ainda que o reconhecimento da validade da alegação pareça requerer tão somente a existência de seres humanos em condições de fazer bom uso de suas faculdades mentais (FREITAS, 2020, p. 21).

Numa primeira perspectiva, à Sociologia do Conhecimento caberia a compreensão dos modos de conhecer existentes na vida social que formatam alegações, da parte dos sujeitos, modos estes sempre inseridos em contextos (uma visão mais alargada daquilo que o marxismo consideraria como “determinantes materiais” dos modos de existir; bem como uma visão também mais ampliada da ideia durkheimiana de consciência coletiva). Ao inserir-se numa determinada estrutura social, o conhecimento tal e qual produzido ali, no contexto em consideração, é validado pela própria estrutura que o produz e o faz circular, como veremos melhor mais adiante. A circulação desse conhecimento aumenta a partir do aumento da massa crítica de estudos e pesquisas acumuladas pelas ciências, aumentando o fosso entre os especialistas e leigos. No vácuo entre um e outro, crescem as tentativas de simplificação do mundo, que o apresentam descomplicado, diretamente apreensível, inteligível desfrutável, passível de simples manipulação: o pensar mágico, por um lado, a pós-verdade, por outro.

Três nomes nos parecem ser importantes, dentro da imensa variedade de pensadores deste ramo da Sociologia, para pensar elementos das formas de conhecimento, e de como se produzem e podem ser analisados, em determinada estrutura da vida social. Em primeiro lugar, pensando as questões em torno do “conhecimento científico”, Thomas Kuhn analisa as relações entre conhecimento e linguagem (espaço dentro do qual se produz determinado tipo de conhecimento) e de como o conhecimento, dada sua condição social *par excellence*, “é intrinsecamente a propriedade comum de um grupo”, cabendo aos intelectuais a tarefa de “conhecer as características essenciais dos grupos que o criam e o utilizam” (KUHN, 1978, p. 257).

Assim, o conhecimento da linguagem e do grupo que veicula determinado conhecimento são passos necessários para a devida compreensão das formas como o conhecimento se estrutura e se reproduz. O grupo religioso, aqui representado por declarações de diversas lideranças religiosas e pelas duas deputadas escolhidas, veicula uma determinada forma de conhecer (no caso, os efeitos da pandemia) numa determinada estrutura de linguagem (aqui, aquela própria das redes sociais: imagética, curta, apelativa, mobilizadora de emoções). Isso porque, pensando com Kuhn, toda forma de conhecimento traz consigo a marca daquilo que produz coesão a determinado grupo (valores, concepções de mundo, crenças). Se pensarmos, nesse sentido, nas relações entre o conhecimento produzido por evangélicos aqui analisados e aquele produzido pela ciência (representada pelas medidas de isolamento social e de não-

recomendação de medicamentos de efetividade ainda não-comprovadas) poderemos ver como controvérsias surgidas no interior das dinâmicas dessas próprias relações, introduzindo um debate com lógicas racionais distintas, podendo mesmo a ciência rotular as atitudes do grupo como irracionais. Assim, poderíamos pensar a mobilização anticiência produzida pelas parlamentares como uma “crítica não-crítica” à razão científica, talvez uma “crítica mágica”, no sentido de uma nostalgia de uma ligação direta entre desejos e realidades, entre o homem e um divino, sem a “tortura” das mediações, meios, autoridades, das exigências do método e da razão.

Cabe remeter-nos ao sociólogo alemão Karl Mannheim, para quem o conhecimento apresentaria um caráter “conjuntivo”, uma vez que estaria sempre ligado a um determinado contexto. Pensar sobre o conhecimento seria pensar nas “visões de mundo”, compreendidas pelo autor como “uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura que, por sua vez, constitui-se como base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos” (MANNHEIM, 1980, p. 101). Em sua obra, “visão de mundo” seria algo produzido a partir das práticas, daí ser algo no plano atóxico, e que valorizava a importância do fator histórico para a compreensão do conhecimento produzido como fenômeno de determinada realidade. Assim, caberia ao pesquisador uma reflexão acerca das formas (estéticas, políticas, religiosas) que as experiências tomariam, transformando-se em conhecimento. Seria do campo da vida vivida que emergiriam experiências das quais adviriam as formas de conhecer.

Um produto cultural não pode ser compreendido em seu próprio e verdadeiro sentido se nos atermos simplesmente sobre aquele “nível de sentido” que ele transmite quando o olhamos inteiramente em seu sentido objetivo. É necessário considerar seu sentido expressivo e documentário, se quisermos esgotar inteiramente seu significado (MANNHEIM, 1980, p. 104).

Por sua vez, a obra de Berger & Luckmann é ainda mais importante por esboçar uma definição do que poderia ser a Sociologia do Conhecimento. Embora considerando contexto, atores e modos de organização da vida social, os autores afirmam que

[...] a sociologia do conhecimento deve ocupar-se de tudo aquilo que passa por “conhecimento” em uma sociedade, independentemente da validade ou invalidade última (por quaisquer critérios) desse “conhecimento”. E, na medida em que todo “conhecimento” humano se desenvolve, se transmite e se mantém em situações sociais, a sociologia do conhecimento deve procurar compreender o processo pelo qual isto se realiza [...] Em outras palavras, defendemos o ponto de vista *que a sociologia do conhecimento diz respeito à análise das construção social da realidade* (BERGER & LUCKMANN, 2004, p. 14, grifos do autor).

Observemos alguns elementos desta passagem, que se alinham com a perspectiva por nós assumida neste artigo. Tudo aquilo que se passa “por conhecimento” digna-se ser tido como objeto da sociologia - mobilizações religiosas, inclusive, por se pretenderem ser “formas de ver” a realidade, produzindo modos de relacionar-se com o mundo em seus adeptos. Mesmo formas de conhecer invalidadas como não-científicas, ou não legítimas, devem ser compreendidas por produzirem modos de estar no mundo; assim, veremos aqui como se produziu conhecimento, modo de ser, acerca da pandemia e das formas de lidar com ela, a partir de enunciados de *personas* religiosas. Quanto mais *plausíveis*, e não *verdadeiras*, as enunciações, mais se pretendem como legítimas construções do mundo social, ou seja, melhor a operação em torno da “construção social da realidade”, mesmo que tal realidade seja a presença do vírus e dos modos (legítimos ou não) de lidar com ele. As enunciações, que ancoram as plausibilidades dos mundos em que se vive, num tempo de pós-verdade e pensar mágico, dependem dos seus efeitos deletérios sobre os grupos sociais.

4-Igrejas como atividade essencial, prejuízos à economia e prescrição da cloroquina: como se produz um saber pós-verdadeiro sobre a epidemia?

Neste tópico pretende-se apresentar tomadas de posição do presidente durante a pandemia, que sinalizaram diretamente ou indiretamente ao segmento evangélico, e outros posicionamentos que, a partir dele, ressoaram nas mobilizações levadas a cabo pelas duas parlamentares e, por consequência, no interior do próprio segmento, uma vez que ambas conduzem seus mandatos num explícito direcionamento a este. Pensamos serem importantes os casos das duas parlamentares porque, na condição mesma de representantes políticas e atuando com forte mobilização nas redes sociais, exercem importante papel de “construção da realidade” tanto para seus “irmãos de fé” como para seus eleitores. Assim, a partir de suas postagens, podemos enxergar respostas à pergunta: o que é preciso saber sobre a pandemia? A esta pergunta, segundo compreendemos, haviam respostas simples, produzidas a partir dos discursos do presidente: que a Covid-19 pode ser curada por um medicamento ainda sem comprovação médica, que as igrejas não poderiam ficar fechadas (pois são essenciais) e que o comércio deveria permanecer aberto.

Por questões metodológicas, e de espaço, optamos por mapear as postagens feitas, agrupá-las de acordo com as três narrativas (igreja como serviço essencial, uso

da cloroquina e ameaça dos governadores à economia), transcrever algumas das postagens e copiar algumas imagens que nos pareceram mais significativas. O conjunto de postagens coletadas durante a pesquisa para este texto tanto pode ser encontrado nas redes sociais das deputadas como, também, em nossos arquivos, que poderão nos ser solicitadas pelo *e-mail* que consta nesse texto.

A primeira sinalização de Bolsonaro às igrejas evangélicas foi uma declaração dada ao apresentador Ratinho, durante a edição de seu programa televisivo, em 20 de março. Apontando o que entendia como “atitudes absurdas” de governadores, o presidente elencava o artigo 5º da Constituição Federal, que trata da liberdade “de ir e vir”, além de “ataques à liberdade de crença”, que estava ameaçada pela proibição de fiéis de frequentarem os templos.

Segundo ele:

O quê que eu vejo no Brasil, aqui. Não são todos, mas muita gente. Para dar uma satisfação para o seu eleitorado, toma providências absurdas. Como eu te falei agora há pouco. Fechando shopping. Tem gente que quer fechar igrejas, o último refúgio das pessoas. Lógico que o pastor vai saber conduzir lá o seu culto. Ele vai ter consciência, o pastor, o padre, se a igreja está muito cheia, falar alguma coisa, ele vai decidir lá.

Seria também nesta entrevista que o presidente ensaiaria duas outras atitudes em relação à pandemia, que marcariam sua gestão: o negacionismo em relação aos efeitos perversos do vírus, e a preocupação majorada com a economia frente às questões em torno da saúde. Apesar de já contar com mil caos confirmados e 2 mortes pela covid, o presidente disse:

Isso que a gente tem que falar para a sociedade. Olha, vamos passar por isso, a chuva está vindo aí, você vai se molhar. Agora, se você botar uma capinha aqui, tudo bem, passa. Agora, se você entrar em parafuso, tu vai morrer afogado embaixo da chuva, pô. [...] Não podemos criar esse clima todo que está aí. Prejudica a economia. Uma pessoa que vive da informalidade, geralmente, é uma pessoa que não ganha bem. E leva os seus alimentos para casa, sustenta a sua família com muita dificuldade. Se ele perde esse emprego, vai ficar pior. Alguém da família no estado de inanição, chegando o vírus, ele tem mais chance de entrar em óbito do que se estivesse praticando a informalidade.

Uma segunda sinalização de comunhão do presidente com os interesses de líderes evangélicos foi a publicação de um decreto, em 26 de março de 2020, em que se incluía “*as atividades religiosas de qualquer natureza*” no rol daqueles serviços entendidos como “essenciais”; exatamente dois depois de, durante pronunciamento na TV, ter

defendido o fim do “*confinamento em massa*” e a “*volta à normalidade*”. O ato, apesar de ter deslegitimado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que recomendava o isolamento social, foi apresentado na imprensa como um atendimento à demandas vindas de lideranças religiosas evangélicas³⁴. O decreto, porém, posicionava presidente em antagonismo com governadores que haviam incluído os templos dentre os setores que deveriam ter suspensas suas atividades. Assim, Bolsonaro se legitimava como reconhecedor do papel social das igrejas na pandemia (na verdade, corroborava a visão de que elas tinham “um papel” na pandemia), ao passo que os governadores, sobretudo os que constavam entre os desafetos do presidente, como “adversários da fé”. Apesar de ter sido derrubado por um juiz federal no dia seguinte, em 03 de abril voltaria a vigorar pela decisão de um outro juiz.

Assim, a querela entre a obediência a governadores, cujos decretos balizavam-se nas recomendações da OMS, e a obediência a Bolsonaro, cuja publicação do decreto ancorava-se tão somente nos interesses manifestos de líderes evangélicos que lhe eram próximos, e também de certos setores do comércio que vinham acumulando prejuízos com as políticas de restrição de deslocamento, se estenderia até os primeiros dias de abril. Nesse período, Edir Macedo nomearia o vírus como “*estratégia de satã*” em vídeo publicado nas redes sociais; assim, segundo ele, “*quem nada teme não tem com o que se preocupar*”; por sua vez, Silas Malafaia, em seu *twitter*: “*Vai morrer gente pelo corona vírus? Vai. Mas se houver caos social vai haver muito mais. As igrejas são essenciais em atender as pessoas em desespero, angustiadas, depressivas, que não serão atendidas nos hospitais*”. Numa só postagem, criticava o isolamento social, apontava para o “caos”, tanto social, por conta do receio e dos cuidados com a doença, como econômico, e inscrevia as igrejas como portadoras de um serviço que nem mesmo os hospitais (portanto, a ciência) poderiam prestar.

A querela, que se desenrolava entre elementos jurídicos, políticos e sanitários, só seria resolvida em abril, quando: 1- um juiz federal determinou que o presidente retirasse do rol de atividades essenciais “templos e igrejas”³⁵; 2- o STF decidiu, por

³⁴ Assesores afirmam que Bolsonaro editou decreto após pedido de líderes religioso. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/andrea-sadi/post/2020/03/26/assessores-afirmam-que-bolsonaro-editou-decreto-apos-pedido-de-lideres-religiosos.ghtml>. Acesso em 21 jul. 2020. Destaque-se, na matéria, a declaração do deputado Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ), vice-líder da Frente Parlamentar Evangélicas no Congresso: “O que estávamos pedindo é um suporte, apoio para evitar que as igrejas sejam fechadas para quem quiser buscar um alento espiritual em um momento como o que estamos vivendo”. Assim, a necessidade das igrejas, do serviço por ela ofertada, mostrava-se legitimador do decreto.

³⁵ Inclusive alegando, em sua justificativa, que seria hora “de dar à razão à ciência o peso merecido e

unanimidade, que as medidas restritivas a serem decretadas durante a pandemia seriam da responsabilidade de prefeitos e governadores, devendo a estes o poder de determinar que serviços seriam ou não essenciais. Assim, estava juridicamente decidida a questão; veríamos, porém, o embate político, e também jurídico, que se daria nos estados, embate para o qual seriam mobilizados deputados estaduais que se mostravam como apoiadores do presidente e que, também, faziam parte do segmento evangélico.

Passemos a analisar as postagens das duas deputadas. No estado de Pernambuco, um decreto que determinava o confinamento social com a devida interrupção de atividades as mais diversas, incluindo templos e igrejas, seria assinado pelo governador do estado, João Câmara (PSB), em 11 de maio de 2020 e incluiria cinco cidades: Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Camaragibe e São Lourenço da Câmara. O decreto, desde o início, foi alvo de críticas por parte de parlamentares da oposição, com destaque para a deputada Clarissa Tércio (PSC)³⁶, que junto com o marido apresenta um programa de rádio diário. As críticas da deputada às medidas de isolamento decretadas pelo governador iniciaram com a ideia de que o não-cancelamento do carnaval de 2020 era um dos motivos do contágio, e que, se em fevereiro os riscos advindos da aglomeração pelo carnaval não haviam preocupado o governo estadual, não seria, agora, que tal preocupação deveria se dar.

No caso de Pernambuco, havia a regulamentação de carros e pessoas numa espécie de rodízio, o que, segundo parlamentares ligados às igrejas, impedia que pastores e padres pudessem se deslocar cotidianamente pelas ruas para celebrarem os cultos e missas, mesmo que de modo virtual. Pelo decreto, autoridades religiosas não haviam sido incluídas entre aquelas profissões que teriam liberdade de deslocamento justamente por não serem “atividades essenciais”. Assim, se iniciou uma pesada campanha para enquadrar o governador como inimigo às liberdades de ir e vir e, acima de tudo, da liberdade de culto.

necessário para evitar um dano coletivo de proporções incomensuráveis à saúde pública e individual”, como se pode ler em: <https://www.istoedinheiro.com.br/juiz-manda-bolsonaro-excluir-igrejas-da-lista-de-servicos-essenciais/>. Acesso em 20 de jul. 2020.

³⁶ A ela se juntariam, também, vereadores da cidade de Recife, ligados à Igreja Católica e a outras denominações cristãs que criticavam o governador pela não-inclusão de autoridades religiosas no comitê de combate à pandemia no estado. Acerca disso, destaque-se a seguinte declaração da vereadora Michelle Collins (PP): “Sabemos que as medidas restritivas adotadas em qualquer situação de pandemia tendem a restringir as instituições, inclusive as religiosas. Mas o governador não pode esvaziá-las. Foi isso que fez, pois o decreto não prevê a circulação de pastores ou de pessoas que estejam a serviço das igrejas, sejam elas de qualquer denominação”. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/politica/2020/05/5609304-oposicao-questiona-eficacia-da-quarentena-em-pernambuco.html>. Acesso em 20 de jul. 2020.

A resistência do governador em incluir as igrejas no conjunto das atividades essenciais fez com que a deputada fizesse a seguinte declaração no dia 02 de junho:

É inadmissível o que esse governo anticristão vem fazendo com os cristãos em nosso estado. Está rasgando a Constituição e nos tirando um direito fundamental. [...] O presidente Jair Bolsonaro decretou, me março, que as atividades religiosas de qualquer natureza são consideradas essenciais (Disponível em: <https://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2020/06/02/clarissa-tercio-critica-paulo-camara-por-nao-incluir-as-igrejas-como-servico-essencial/>. Acesso em 20 de jul. 2020).

Observemos que, em uma só declaração, a deputada: imputava ao governador a adjetivação de ser “anticristão”; buscava colocar a cristandade como perseguida pelo governador; produzia uma deturpação do decreto, taxando-o de rasgo na Constituição; posicionava o presidente ao lado dos cristãos; e, deliberadamente, escondia o fato de que o STF havia dado aos governadores a liberdade para decidir acerca dos serviços essenciais. O inconformismo da deputada se devia ao fato de, depois de ter sido negada a autorização para circulação de líderes religioso durante o período de *lockdown*, as igrejas não haviam sido inclusas entre os serviços essenciais no plano de retomada apresentado em 31 de maio. Logo, nem no momento de pico da curva de contágio, durante os meses de maio e junho, nem depois a preocupação com a contaminação parecia desvanecer-se frente àquilo que figura como importância maior: o funcionamento das igrejas³⁷.

Assim, conseguimos identificar 60 postagens feita pela deputada em suas redes sociais, entre os meses de abril e julho de 2020, assim divididas (segundo nossa leitura): crítica à OMS (2), “denúncias” de leitos vazios em hospitais (2), “denúncia” de falsos óbitos (1), elogios ao presidente³⁸ (9), economia (5), a defesa das igrejas como serviço essencial (16) e a propaganda em torno da cloroquina (25); esta última, excedendo em muito as postagens feitas em torno da questão de reabertura dos templos, dá conta do trabalho de produção de um conhecimento/crença em torno do remédio recomendando

³⁷ Importa destacar o uso da expressão “fechar igrejas” mobilizado pela deputada para se referir ao sentido das ações de isolamento social decretado pelo governador. Como essa expressão chega aos membros das igrejas? “Fechar”, na verdade, aciona a ideia de que alguém quer impedir o funcionamento ou pôr fim à fé ou à crença. Nos parece ter sido esse o sentido do uso do termo pela deputada, legitimando uma narrativa em torno do governador, de esquerda, inimigo da fé. Na verdade, o isolamento social que se dirigia a todos os setores que, em funcionando, causariam aglomeração nada tem de relacionado com a ideia de “fechar”.

³⁸ Sobretudo quando este, ao testar positivo para o novo corona vírus, declarou ter ingerido doses da cloroquina, e também postagens que ressaltavam seu caráter cristão, sobretudo quando da convocação para o dia de jejum, em 05 de abril.

por Bolsonaro. As postagens se dividiam em *cards* com mensagens, exibição de *lives* com especialistas sobre a cloroquina, menção a matérias na imprensa pernambucana acerca das críticas da deputada ao governador e repostagens relacionadas ao presidente.

Vejamos, a seguir, algumas destas postagens: primeiro, a propaganda da cloroquina.



Associando-se estreitamente às recomendações do presidente³⁹, oferecendo uma “certeza de cura” para a qual o Brasil precisaria “acordar”⁴⁰, a deputada também usaria o medicamento para reproduzir estereótipos em torno da esquerda, mobilizando o pânico moral em torno da “maconha”. Também deslegitimando a esquerda junto a seu eleitorado, a deputada assim se referia ao governador e à ideia da abertura das igrejas:



Por fim, também fazendo eco à voz presidencial, Clarissa sugeria o caos que já se avizinhava por conta do fechamento do comércio e das ações de confinamento social decretadas pelos governadores, deslegitimando qualquer gravidade da pandemia se

³⁹ Inclusive, em várias de suas postagens se pode ler a *hashtag*: “#bolsonarotemrazão”.

⁴⁰ O comprometimento da deputada com o medicamento era de tal modo que, numa das postagens se podia ler que ela havia doado metade de seu salário para a compra e distribuição do medicamento na rede estadual de saúde.

relacionada com desempregos e fome:



Evidencia-se, nas duas imagens acima, mais uma vez, a ideia de vida econômica da nação como elemento maior e ao qual tudo e todos devem estar subordinados.

Por sua vez, a deputada estadual do Ceará, Dra Silvana (PL), como é conhecida, também utilizou-se do tempo de confinamento, decretado em seu estado ainda em março, e do espaço de suas redes sociais para, enfrentando determinações do governador Camilo Santana (PT), mostrar-se fiel às indicações de Bolsonaro, sobretudo por meio dos três elementos anteriormente destacados neste texto. Com dois agravantes: Silvana é médica e preside a comissão de saúde da Assembleia Legislativa. Durante os meses da pandemia, contudo, não se viu a parlamentar em nenhum momento visitar instalações dos hospitais, tratar da questão dos internados ou da situação dos profissionais de saúde. A presidente da comissão cederia lugar, ao que nos parece, à militante anti-ciência ou pró-Bolsonaro.

O primeiro decreto do governo do Ceará, que previa o confinamento social e a suspensão de atividades (incluídas as igrejas e os templos), começara a vigorar no dia 19 de março e se entendia até o dia 05 de abril. Aproximado o tempo em que o decreto seria finalizado, começava a pressão de parlamentares religiosos, na Assembleia Legislativa, para que as igrejas fossem incluídas como atividade essencial no processo decreto. No dia 01 de abril, durante uma *live* realizada por seu esposo, o deputado federal Jaziel Pereira (PL), e transmitida em suas redes, com o também deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL), surgia a primeira crítica, próxima a uma ameaça, em relação ao decreto do governador. Segundo ele, “no Ceará estamos de baixo de um

decreto que não vamos suportar. Se esse decreto continuar, vamos na próxima semana abrir nossas igrejas de forma ordenada e se tiver que prender prendam, porque não somos agentes do mal, somos colaboradores”.

Em matéria publicada no jornal Diário do Nordeste⁴¹, no dia 03 de abril, três deputados se pronunciavam a favor da inclusão das igrejas no novo decreto a ser, então, publicado, na categoria de “serviço essencial”. A deputada Silvana diria:

Não estamos pedindo aglomeração de pessoas, estamos pedindo, dentro da normativa do Ministério da Saúde, para que a igreja possa estar aberta, para socorrer os fiéis. Culto online não substitui imposição de mãos, é bíblico, e estamos falando do povo todo de fé, das missas, atividades religiosas. Estamos pedindo que respeitem e entendam que a igreja é para colaborar, inclusive para apoio psicológico.

Por sua vez, o também deputado Apóstolo Luiz Henrique (PP), fundador da Igreja do Senhor Jesus, se expressava em termos semelhantes:

Muitas pessoas já estão sofrendo de depressão. Algumas pessoas já temos passado mensagens pedindo orações, porque são pessoas que saíram das drogas, são pessoas que estão sendo libertas também na área das emoções, pessoas com síndrome do pânico, pessoas que já tentaram suicídio e que precisam ir à igreja.

Walter Cavalcante (MDB), deputado ligado à Renovação Carismática Católica, argumentaria no mesmo sentido, mostrando uma atuação conjunta de deputados religioso durante a pandemia, para garantir a abertura dos templos:

As igrejas têm papel grande é nesse momento em que as pessoas estão isoladas, sentem depressão. O papel da igreja é muito importante, é importante que abram para receber alimentação, fazer cestas básicas e distribuir para aqueles que não recebem benefício do governo, pessoas que precisam de ter essa alimentação.

Em 8 de abril, uma articulação de Silvana com outros dois deputados evangélicos (Apóstolo Luiz Henrique e David Durand) - representando a “frente parlamentar evangélica” - apresentaria três projetos de lei que buscavam garantir as atividades religiosas como “atividades essenciais” no estado. Na justificativa de um dos projetos se podia ler que, em tempos de contágio pandêmico, ***“a sociedade brasileira ou a sociedade cearense não possui o luxo de ficar sem as atividades sociais das igrejas***

⁴¹ Matéria disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/coronavirus-deputados-da-bancada-religiosa-pressionam-camilo-pela-reabertura-de-igrejas-1.2230114>. Acesso em 21 de jul.2020.

ou templos”⁴². As relações entre o governador e lideranças evangélicas, por conta desta questão, continuariam ainda mais tensas com publicação de uma nota da Ordem dos Ministros do Evangelho do Estado de Ceará (OMERCE), em 29 de abril, onde se poderia, dentre outras coisas, que “se o vírus ataca o corpo, o pânico, a fobia, a depressão, a solidão, a desorientação e o desespero surgem também nesse momento. Pessoas têm cometido ou tentado suicídio”. A nota seria publicada e comentada nas redes sociais da deputada, que passaria a mobilizar seus seguidores pela busca da inclusão das igrejas na categoria de serviços assinalado.

A observação de suas redes sociais nos mostraram o seguinte quadro de postagens: “denúncia” de hospitais parados (2), críticas à OMS⁴³ (1), presos (2), Bolsonaro⁴⁴ (4), economia (3), crítica aos governadores e prefeitos (8), cloroquina (14) e igrejas como serviço essencial (16). Registre-se que em muitas de suas postagens uma das *hashtag* presentes era “#víruschinês”, alcunha dada por líderes políticos como Donald Trump e Jair Bolsonaro.

Vejamos alguns exemplos, a começar pelas postagens em torno da cloroquina:



⁴² Segundo matéria disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2020/04/08/bancada-evangelica-na-assembleia-vai-brigar-por-reabertura-de-templos.html>. Acesso em 21 de jul. 2020.

⁴³ Anunciada com a seguinte frase: “OMS - dá pra confiar?”.

⁴⁴ Interessante destacar duas destas postagens: a primeira, ainda em março, quando o presidente teria testado negativo para o vírus, postagem acompanhada com um “glória a Deus” (no momento em que o número de contaminados já era elevado); a segunda, em julho, quando testou positivo, acompanhada de um “estamos em oração”. Destacamos estas duas postagens porque, ao que nos pareceu, a situação de inúmeros outros contaminados, numa situação e na outra, pareceu não ser digna de importância para a parlamentar, a julgar pela inexistência de uma única postagem em que tenha se mostrada solidária ou “em oração” pelos contaminados.

As imagens acima nos mostram a instrumentalização política da cloroquina, ainda que este remédio não possua, no caso da Covid-19, comprovação científica, mas severos efeitos colaterais para pacientes com cardiopatia, entre outros problemas.



Ainda em março, acompanhando os movimentos levados a cabo pelo presidente, a deputada fez solicitação junto à Secretaria Estadual de Saúde para que a cloroquina fosse adotada no protocolo de atendimento dos infectados pelo vírus. Note-se que, em suas postagens, preocupar-se-iam com a vida, de fato, aqueles que estivessem recomendando o remédio; logo, no que estava a se preocupar os governadores e prefeitos que não seguissem por esse caminho?

No conjunto de publicações em torno da cloroquina, uma em particular nos chamou a atenção, sobretudo por ter sido replicada nas redes sociais de muitos apoiadores do presidente e se tornar, assim, uma “pós-verdade” estabelecida. Embora, depois, tenha sido desmentida pelo hospital, a informação continuou a circular, como “conhecimento”, não tendo sido deletada das redes. A postagem é importante por envolver uma das principais personagens em torno da cloroquina no país, tendo a médica sido cotada para assumir o Ministério da Saúde após a saída de Luiz Mandetta, exatamente por sua militância em favor do medicamento:



Todavia, quando essas imagens são confrontadas com estudos científicos brasileiros mais recentes, publicados em periódicos internacionais, que atestam a ineficácia da hidroxiclороquina, associada ou não ao antibiótico azitromicina⁴⁵, o resultado não é o recuo ou, ao menos, a contenção do pensar mágico no campo social, mas a descredibilização por conta da situação de pós-verdade e de biopolítica neoliberal. Em relação à economia, destacamos as seguintes imagens:



Observe que, na segunda imagem há uma frase cujo teor foi inúmeras vezes repetido pelo presidente Bolsonaro, o que nos dá mais evidências do alinhamento irrestrito da deputada com ele. Em relação à mobilização pela reabertura das igrejas e a decretação de seu status como serviço essencial, destacamos a seguinte postagem, que foi precedida em suas redes pela frase: “A igreja não pode ser tratada em último

⁴⁵A pesquisa foi publicada na quinta-feira, 23 de julho de 2020, na revista científica New England Journal of Medicine. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,estudo-brasileiro-mostra-que-hidroxiclороquina-nao-funciona-para-caso-leve-e-moderado-de-covid,70003373925> Acesso em: 23 jul. 2020.

caso”:



Em nossa sociedade, a combinação entre relações sociais pulverizadas, individualidades em flutuação com pouca aderência às mediações institucionais clássicas (sindicatos, partidos, universidades), recuo de políticas públicas e estatais em geral e na saúde em particular, abre-se o abre espaço para a entrada de interesses religiosos que estão em afinidade com interesses da coalização de extrema-direita neoliberal. Estabelece-se uma relação de retroalimentação. Parte mais expressiva do mundo evangélico, guiado pelo pensamento mágico, tem adentrado agressivamente a esfera pública e o mundo político, servindo de base de sustentação ideológica do governo Bolsonaro.

A manutenção dessa configuração só pode continuar sob e com as seguintes condições: a manutenção e a expansão da bolha de pós-verdade no mundo evangélico e seus arredores sociais (indústria de *fake-news*) e a implantação definitiva da política neoliberal com repercussões profundas sobre os campos sociais e culturais. Nasce daí, a exaltação do indivíduo como livre-empresário de si, conhecedor de si e fazedor de si, estabelecido de contato direto com as dimensões do real e, portanto, dispensador ou negador de mediadores institucionais clássicos (ciência e universidade, estado e políticas públicas de educação e saúde), vistos como estruturas castradoras de suas supostas liberdades e anseios absolutos, em especial o anseio da ligação direta entre o desejo (de viver, ter, saber) e sua concretude realizada (alcançar o desejo). Não à toa, os evangélicos mais fiéis ao governo são infensos às críticas e costumam rebatê-las, assumindo com orgulho, sua ignorância científica e religiosa. Um dos mais fortes sinais dessa revolta reacionária, é a paródia de uma música kitsch, de um palhaço-cantor que

virou deputado (Tiririca), “Cloroquina, Cloroquina. Cloroquina lá do SUS. Eu sei que tu me curas, em nome de Jesus”.⁴⁶ Em maio de 2020, essa paródia musical “viralizou” e jogou água no moinho satânico da pós-verdade e da bolha de apoiadores do presidente. Os impactos massivos dessas ideias e posturas são devastadores a ponto de, em pesquisa da Associação Paulista de Medicina, evidenciar que quase 50% dos médicos brasileiros foram pressionadas a prescrever, para a Covid-19, medicamentos sem eficácia comprovada⁴⁷. Segundo o depoimento de uma médica paulista: “As pessoas não entendem que não existe benefício no uso da cloroquina porque o presidente fala que tem benefício. E acreditam piamente nisso. Ninguém entende que a gente não usa justamente porque não tem benefício”.⁴⁸

Considerações finais

Vimos, ao longo do texto, como na atual coalizão de poder, misturam-se, pensamento mágico-religioso, desconfiança e negação do método e do conhecimento científico racional, à situação de pós-verdade e a radicalização do regime neoliberal que rege a estrutura social-econômica brasileira.

A pandemia de Covid-19 acelerou as contradições presentes em nossas estruturas de sociedade, ciência, política e cultura, levando ao paroxismo, situações genocídio e descoordenação em que o poder executivo federal liderado pela presidência, as elites financeiras-econômicas e políticas, a parte hegemônica dos grupos evangélicos presentes no parlamento e presentes nas esferas midiáticas, a maior parte das classes médicas, os militares da ativa e da reserva estão envolvidas, direta ou indiretamente, em um campo de disputas em que não há rupturas, mas insiste-se nas vias representativos-liberais que se encontram desgastadas e em crise profunda.

Por outro lado, associações científicas e acadêmicas, partidos e lideranças de oposição, alguns governadores e prefeitos, apesar de criticarem a pandemia bolsonarista, muitas vezes de forma contundente, não conseguem também se desvencilhar do jogo político liberal-representativo e desarmar o andamento da

⁴⁶ Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaristas-cantam-cloroquina-la-do-sus-com-hit-de-tiririca/> Acesso em: 26 jul. 2020.

⁴⁷ Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,metade-dos-medicos-relata-pressao-para-dar-remedio-sem-comprovacao-cientifica,70003375977> Acesso em: 26 jul. 2020.

⁴⁸ Idem, ibidem. Nessa reportagem, vemos que o presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia foi alvo de notícias falsas após a instituição publicar recomendação contra a cloroquina para a covid-19 e recebeu ameaças de morte nas redes sociais

maquinaria anarco-fascista-neoliberal e seu poder de desorganização que acelera a letalidade da pandemia, desorganiza as mediações institucionais e republicanas e acentua o clima de pós-verdade, entendida como o absurdo enquanto fator de identificação e manutenção de grupos e de engajamento direita-extremista. O conhecimento científico, um dos motores da modernidade e do sistema capitalista tradicional, produzido e veiculado por universidades e instituições de pesquisa, torna-se, nesse campo político, desestruturado e em dissolução, um agente e um ator despedaçado pela situação de pós-verdade e de produção massiva de *fake-news*⁴⁹.

A vida real parece ser submergida e afogada em realidades paralelas que misturam e confundem religião (determinado tipo, a mágica), ideologia, ficção e absurdo. Atinge-se, nesse sentido, níveis agônicos quando notamos que o Brasil é um dos países que mais consomem notícias falsas e é o terceiro país em uso de internet, lugar-condição em que a desintermediação e elevação do se estende em todos os domínios da vida social, incluso entre conhecimento científico, instituições e população.

Referências

- BANDEIRA, Olívia; CARRANZA, Brenda. Só o Brasil cristão salva do COVID-19? **Boletim de Cientistas Sociais**, 33. ANPOCS, Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2347-boletim-n-33-cientistas-sociais-e-o-coronavirus?idU=3> Acesso em: 16 jul. 2020.
- BERGER, Peter; LUCKMMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BROW, Wendy. **In the Ruins of Neoliberalism: The Rise of Antidemocratic Politics in the West**. New York: Columbia University Press: 2019.
- BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.
- DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa - o sistema totêmico na Austrália**. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. **As regras do método sociológico**. 13.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- ELIAS, Norbert. Sociologia do Conhecimento: novas perspectivas. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 3, p. 515-554, set./dez. 2008
- FREITAS, Renan Springer de. “Novidades na Sociologia do Conhecimento?” In: LIMA, Jair Araújo de; FAZZI, Rita de Cássia (orgs.). **Campos das Ciências Sociais: figura do mosaico**

⁴⁹ Cujas consequências são analisadas por BUCCI (2019) e SANTAELLA (2019).

- das pesquisas no Brasil e em Portugal. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- GHIRALDELLI JÚNIOR Paulo. Pandemia e Pandemônio: O Bolsovírus. In: CABELO, Mariangela; GHIRALDELLI Jr., Paulo. (Org.) **Pandemia e Pandemônio: Ensaio sobre biopolítica no Brasil**. São Paulo: CEFA Editorial, 2020, p. 6-16.
- GOODWIN, Matthew; EATWELL Roger. **Populismo: A revolta contra a democracia liberal**. Lisboa: Saída de Emergência, 2019.
- FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. Lisboa: Edições 70, 2020.
- FOUCAULT, Michel. Direito de poder e morte sobre a vida. In: FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade. A vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2014, p. 145-175.
- GROSS, Mathias. **Ignorance and Surprise: Science, Society, and Ecological Design**. Cambridge, MA: MIT Press, 2010.
- KALBERG, Stephen. **Max Weber: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MANRIQUE, José Luis. Populismo y posverdad, ¿Solo tendencias? [en línea], en **Revista Inmanencia**. Vol. 5, n.º 1. 2016. Disponível em: <http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/inmanencia/article/view/10> Acesso em: 16 jul. 2020.
- MCGOEY, Linsey. **The Unknowers: How Strategic Ignorance Rules the World**. New York: ZedBooks, 2019.
- PIRES, Pedro Stoeckli. O conceito de magia nos autores clássicos. **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, v.2, n.1, jan.-jun., p.97-123, 2010.
- SANTAELLA, Lúcia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.
- SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a racionalização da vida**. Petrópolis: Vozes, 2020.
- TRAVERSO, Enzo. Do fascismo ao pós-fascismo. **Revista de Estudos e Pesquisas Sobre as Américas**, 13, 2, 2019, p. 2-44. <https://doi.org/10.21057/10.21057/repamv13n2.2019.26801>.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Edição Integral incluindo: Anticríticas, Igrejas e Seitas na América do Norte, As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. Petrópolis: Vozes, 2020.

Recebido: 28 jul 2020

Aceito: 02 out 2020